

Função de Dauster deve ser extinta

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — A figura do negociador da dívida externa, introduzida pela ex-ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello, deve desaparecer. Segundo fonte oficial bem informada, as atribuições do negociador voltarão a ser exercidas pelo presidente e pelo diretor da área externa do Banco Central, como ocorria no passado. A familiaridade do novo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, com o problema da dívida, bem como seu amplo trânsito com os credores internacionais tornou desnecessária a figura do negociador, na interpretação da fonte. A mudança, que já está madura, visa também dar mais agilidade aos entendimentos com os bancos.

Marcílio está em Washington desde sexta-feira. Ele retornou brevemente à cidade onde serviu como embaixador durante quatro anos e meio para assistir à cerimônia de formatura da filha mais nova, Ana Amélia, que se formou ontem em Economia Internacional pela universidade de Georgetown. Aproveitou para tratar de questões pessoais, tais como ir ao oculista e ao dentista. O ministro estará de volta a Brasília amanhã. Na terça-feira, ele apresentará o acordo sobre os juros atrasados ao Senado. O embaixador Jório Dauster, que fechou o acordo na condição de negociador da dívida, deve assumir um posto diplomático no Exterior.

Sempre parcimonioso em suas declarações públicas, Marcílio evitou

contatos com a Imprensa. Não manteve, tampouco, nenhuma reunião oficial. Ele voltará a Washington dentro de três semanas, com o presidente Fernando Collor, mas só deve despedir-se formalmente do posto de embaixador na primeira quinzena de julho, disse um assessor. Assim, Marcílio desempenhará a dupla função de representante do País nos EUA e ministro da Economia durante a visita oficial de Collor a Washington, de 17 a 20 do mês que vem, uma situação peculiar mas que pode ajudar a reacender o interesse de Washington por Collor, que se apagou com a atitude de confrontação que o presidente adotou inicialmente em relação aos credores e com os sinais confusos emitidos por seu governo durante a crise no Golfo Pérsico.